

O RELATO FANTÁSTICO E A PRESENÇA DA ALTERIDADE

Olívia Aparecida SILVA*

- **RESUMO:** A presente pesquisa tem como proposta discutir o conto “O Homem da areia”, de E.T.A. Hoffmann, observando o elemento que o caracteriza como sendo do gênero fantástico e a presença da alteridade. Tal narrativa revela, em seu princípio, um clima onde o estranho, o maligno presentifica-se na vida da personagem Natanael. As lembranças de fatos ocorridos na sua infância influenciam sua vida adulta; a simbólica figura do homem da areia sai dos contos e fada e transitam na esfera do real ficcional. Entre a lucidez e a loucura os atos de Natanael estão ligados à aproximação nefasta de Coppélio/Coppola, cujo riso enigmático transparece crueldade. O conto iniciado em gênero híbrido epistolografia/conto, incursiona-se pelos caminhos do jogo e da fantasia. A partir da primeira carta que o introduz, percebemos que há algo não compreensível amedrontando o jovem Natanael, indicando premonição de situações infernais pelas quais poderá passar. O leitor pressupõe que algo estranho será elemento presente no transcorrer da narrativa, depois que ele narrar, em retrospectão, toda a história traumática ocorrida em sua infância, no meio familiar. A irrupção de elementos exógenos na esfera do cotidiano acrescenta ainda mais o clima da incerteza proporcionando a hesitação sobre a interferência de elementos fantasiosos projetados pela mente doentia de Natanael ou o inacreditável, o sobrenatural presente no mundo natural.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Gênero fantástico. Alteridade.

Introdução

[...] o fantástico [...] é a evocação de fantasmas que mudam de forma como nos sonhos; ambiguidade e perversão.

Ítalo Calvino (2004, p.16).

Escrito no início do século XIX, “O Homen da areia”, de E.T.A. Hoffmann (1993), compõe sua obra *Contos Fantásticos*. Ele é uma referência clássica do gênero

* UFT - Universidade Federal do Tocantins. Câmpus de Porto Nacional. Porto Nacional, TO – Brasil - 77500-000. olivia@mail.uft.edu.br.

Artigo recebido em 27/10/2015 e aprovado em 21/05/2016.

fantástico e influenciará em sua época, período que surge o romantismo alemão, outros escritores. Segundo a crítica, apesar de sua obra ser significativamente extensa, esse conto é o que melhor a representa, pela densidade na busca da compreensão da interioridade do homem, seus conflitos internos, seus medos e fantasmas. Em “O Homem da areia”, perceberemos a presença do insólito como um dos mecanismos ficcionais que transforma elementos extraídos da realidade sem, no entanto, perder o vínculo de referencialidade. Há um jogo discursivo que dá origem a ambiguidade, não sendo possível definir os limites entre a dita realidade ou a imaginação. Verdade ou ilusão? Há momentos que o leitor, ao acompanhar o desenrolar da narrativa, acredita que tudo não passa do medo que se instala no inconsciente de Natanael e sobressai diante de situações inesperadas ligadas à presença do temível Coppélio, causador do trauma que carrega desde a sua infância e o acompanha na fase adulta. No entanto, existem momentos que algo inexplicável, além do que se concebe crível, transita na esfera do mundo empírico. Assim, afirma-se que a narrativa se insere no gênero fantástico, devido a elementos que rompem com a ordem estabelecida, criando alterações no cotidiano.

Observa-se que o autor inicia sua narrativa de forma diferente, entrecruzando gêneros, a epistolografia e o conto. A narrativa apresenta em sua abertura três cartas que têm como emissores, Natanael, Clara e Lotario, sendo duas de Natanael e uma de Clara/Lotario. Nelas então contidos os fios narrativos condutores da trama que reside, sobretudo, em dar conhecimento ao provável leitor que Natanael sofreu um trauma na sua infância e este desencadeará no futuro, na vida adulta, consequências graves. Assim, identificaremos que o princípio articulador da narrativa está voltado para Natanael, personagem central, e algumas temáticas se anunciam, o medo, a morte, o horror.

Em um segundo momento, surge a figura do narrador que se anuncia como narrador/autor que dialoga com o seu provável leitor sobre as possibilidades que teve em vista para começar a escrita do conto, ou melhor, narrar a estória. Inere sobre as emoções suscitadas, calcadas por um exagero encenado. Em poucas palavras compartilha, criando expectativa no leitor, que contará algo de “singular e extraordinário” que aconteceu ao “pobre amigo, o jovem estudante Natanael”. Ao mesmo tempo em que utiliza termos valorativos, empregará o depreciativo, em relação a acontecimentos que envolverão a personagem central do núcleo narrativo. Temos conhecimento, de antemão, que depararemos com prenúncios negativos em relação à personagem. Fornecendo indícios de um destino que se cumpre, dirá que ninguém pediu que contasse a trágica história de Natanael e que teve acesso às cartas, através de Lotario. Ainda divagando sobre a estrutura narrativa a ser definida para o ato criador, ele dá ciência que conhece os princípios norteadores da arte poética, em uma perspectiva metaficcional. Seu leitor tem a nítida sensação que a pretensão do narrador não é apenas mostrar que domina a arte do narrar, mas dar a impressão da

presença de um riso subjacente ao deslizar das palavras. Semeando entre os diálogos estabelecidos com o leitor fatos que fazem parte da narrativa, fornece uma síntese da estória e a desenraiza do tempo e do espaço e a traz para a cena narrativa, como o faz o narrador tradicional. Encerra esse segundo momento dizendo que “nada é mais fantástico e extraordinário que a vida real” (HOFFMANN, 1993, p.127); para o narrador a ficção representa a vida em reflexos pouco nítidos. Posicionando-se à distância dos fatos a serem narrados e conhecedor dos fatos, inicia a sua narração.

Ao comentar o desenvolvimento da narrativa, será privilegiada a discussão sobre o elemento fantástico e a presença da alteridade, como pretensão de análise. Serão observados os fatos que cada vez mais envolvem a personagem central, Natanael, em uma rede de coincidências funestas que ocorrem na banalidade cotidiana, favorecendo a instalação da dúvida e o mistério.

A fantasia e o jogo

A primeira carta, de conhecimento do leitor, é escrita por Natanael e endereçada a Lotario, mas por engano enviada à Clara, sua noiva e irmã de Lotario. Ele recorre a um tom sério, mas imprimida de subjetividade. Relata estranhos acontecimentos ocorridos na sua infância que refletem negativamente no seu presente. Retorna à fase adulta o fantasma do Homem da Areia, o mesmo que na história infantil arranca os olhos das crianças que não querem dormir, atira-lhes areia, arranca-os e os leva para os seus filhotes na Lua.

Natanael, quando criança, ao ter conhecimento da história alia-a a presença estranha e noturna que visita sua casa em certas noites e horário definido. Impelido pelo medo e pela curiosidade espia por trás da cortina do escritório do pai, a fim de descobrir quem é a enigmática figura que provoca transtornos domésticos no lar, pois sua mãe demonstra preocupação e interrompe o momento íntimo familiar quando todos estão juntos conversando, o pai fumando cachimbo e contando estórias infantis. Suas pisadas sinistras ressoam por todos os aposentos. Para seu espanto o homem misterioso é Coppelio, advogado que frequenta sua casa e desagrade a todas as crianças. Tal sentimento justifica-se pela forma hostil em relação ao trato que destina a elas. Em determinado momento, estando ele e o pai envolvidos nas experiências alquímicas, Coppelio grita: “Que venham os olhos, que venham os olhos” (HOFFMANN, 1993, p.121). Sem se conter Natanael solta um grito denunciando sua presença. Coppelio agarra-o e tenta jogá-lo sobre o fogão, em sem seguida, movimenta-se no sentido de pegar brasas incandescentes para lançar em seus olhos e roubá-los, o pai salva-o. Cai em delírios, quando acorda está ao lado da mãe. Será esse o primeiro momento que Natanael não consegue controlar a sensação do medo e a forma de resistência é sair de si. Coppelio passa a representar o horror,

principalmente depois da morte do pai, provocada pelas experiências alquímicas que ambos se dedicavam.

O presente e o passado entrecruzam-se de uma forma estranha, alterando o cotidiano de Natanael que reside em uma cidade G., diferente de onde se localiza a casa de sua mãe. Aluga um quarto e dedica-se aos estudos de Ciências e Artes. Ao meio-dia entra em seus aposentos um vendedor de barômetro cujo nome é Giuseppe Coppola, que, a princípio, parece a Natanael ser a mesma figura sinistra do advogado Coppelio, mudando parcialmente a grafia nominativa.

O Homem da Areia saiu de dentro das histórias de carochinhas contadas pela babá, não para povoar os sonhos de Natanael, mas para dar colorido de crueldade em sua realidade. Ou ainda, tudo não passou de um imaginação delirante de uma criança que na fase adulta não conseguiu libertar-se dos seus recalques e carrega-os para a vida.

Por um lapso, que expressa um desejo inconsciente, a carta é remetida à Clara. Esta, apesar da preocupação com o estado de apreensão e angústia enunciado na escrita de Natanael, buscar dar a ele uma explicação objetiva para os fatos relatados: tudo aconteceu apenas na sua imaginação e ainda diz que será seu anjo protetor e, caso Coppelio/Coppola parecesse, o enxotaria com seu riso.

Instala-se a partir de então, no universo da escrita e do leitor, uma duplicidade de versões para os acontecimentos, originando a dúvida, ou o enigma que percorrerá toda a narrativa. Natanael viveu acontecimentos ou foram criados nos momentos de delírios? O vendedor de barômetros é o mesmo satânico advogado Coppelio? É coincidência que o aparelho oferecido tem uma relação com os olhos? Pelos caminhos da incerteza desliza a cena narrativa do conto. O jogo está estabelecido.

O fantástico e a alteridade

Constitui-se, assim, a proposta estética do relato fantástico privilegiado por Hoffmann. Sua existência efetiva-se quando a escritura artificialmente proporciona um clima de incertezas, medos, situações que caminham em busca de encontrar respostas para interrogações. A partir de então a escrita estabelece um jogo de circunstâncias provocando ambiguidades.

Segundo Todorov (1975) há três condições necessárias para definir a narrativa fantástica:

Em primeiro lugar, é necessário que o texto obrigue ao leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Logo, esta vacilação pode ser também sentida por um personagem de tal modo, o papel do leitor está, por assim dizê-lo, crédulo a um personagem e, ao mesmo tempo a vacilação está representada, converte-se em um dos

temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com o personagem. Finalmente, é importante que o leitor adote uma determinada atitude frente ao texto: deverá rechaçar tanto a interpretação alegórica como a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm o mesmo valor. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não cumprir-se. Entretanto, a maioria dos exemplos cumprem com as três. (TODOROV, 1975, p.20).

No conto “O Homem da areia” é nítida a primeira condição, os personagens transitam na esfera do cotidiano; o inexplicável está aliado à figura da personagem Coppelio/Copolla. Sendo esse um dos fios condutores da narrativa, portanto uma das temáticas que se sobressaem no decorrer da estória. A terceira condição também se estabelece, pois depende de que não seja realizada uma leitura alegórica ou poética pelo leitor. A opção centra-se em observar à narrativa e seus deslizamentos entre empírico e o metaempírico, descartando uma possível leitura alegórica.

Observa-se uma inquietante estranheza no relato que leva o leitor a procurar uma resposta, mas esta só pode ser concebida dentro dele mesmo enquanto espaço de criação e encenação própria do gênero fantástico. A tensão narrativa acontece sempre quando irrompe uma situação inusitada. Em relação ao conto, a presença do mal invade o espaço do bem estar e da tranquilidade; são duas forças atuando de forma maniqueísta. A criação imaginativa possibilita reações paradoxais: a inventividade da escrita; e o horror enquanto qualidade de sentir. Nesse jogo, a razão e a desrazão ocupam o mesmo espaço no relato que pode ser verossímil ou inverossímil e é nessa oscilação que se firma o fantástico, enquanto gênero ficcional. Sempre caminha por vias duplas e se estabelece quando consegue provocar hesitação entre o que concebemos como mundo real, empírico, explicável e o mundo sobrenatural, metaempírico, inexplicável, pois foge às leis naturais.

Em “O Homem da areia”, Hoffmann coloca em cena a alteridade como elemento constitutivo do texto. Sua escritura realiza-se no próprio ato. É uma escritura e outra escritura cujos traços são semelhantes e distintos. Na movimentação das cenas prevalece o sentir ao fazer de suas personagens. Natanael revela em seu discurso a estranha inquietação que o persegue, após o ressurgimento de Coppelio/Coppola. Há momentos de lucidez absoluta, mas às vezes apresenta-se tomado por desatinos próprios de alucinações alocadas no seu inconsciente, provenientes de sua infância. Não consegue desvencilhar-se da profecia de Coppélio: “o rapazinho conserve seus olhos para choramingar sua sina pelo mundo” (HOFFMANN, 1993, p.121). Nem de seu fantasma que lhe causa mudanças tempestuosas e repentinas nos seus atos. Ensimesmado, ou tendo reações violentas quando contrariado em seus pontos de vista cujo tema sempre a baila é o fantasmagórico, depois torna si. Mas há algo no seu comportamento que denota seu temor, sua imaginação está tomada por pensamentos obsessivos. Não consegue compreender os fatores estranhos presentes

nos últimos acontecimentos que envolvem sua vida, que antes caminhava tranquila e sem sobressaltos. É o passado submergindo do fundo do seu ser em hora marcada: ao “meio dia”.

Sobre esse comportamento diante do estranho (*unheimliche*) França (1997, p.77) comenta:

Quem atravessa esta experiência não demora a se restabelecer de suas certezas rotineiras. É como se a figura do duplo, após sua aparição, novamente se destacasse do sujeito assustado e, ao se afastar, permitisse que o ele se reencontrasse mais um vez em face de si mesmo. A atenuação do perigo faz com que o sentimento de identidade se reconstitua e o sujeito aceite não ir longe demais na compreensão de certas coincidências estranhas entre familiares.

Natanael resiste em tentar compreender e estabelecer relações entre a aparição e a proximidade entre o Coppola e o Coppelio. Procura recuperar a estabilidade emocional e a tranquilidade cotidiana, mesmo que tomado por arrepios diante da figura enigmática do vendedor de barômetros; compra um instrumento dele que será favorável para apreciar ao longe a figura de Olímpia. Segue os conselhos de Clara. No entanto, compreende/sente que há uma força estranha que o conduz a uma desorganização interna do pensamento e está ligada a questão dos olhos e, consequentemente, o medo de perdê-los.

Freud (1919) discute a estética do estranho (*unheimliche*) e ao analisar “O Homem da areia”, de Hoffmann, e afirma:

[...] o medo de ferir ou perder os olhos é um dos mais terríveis temores das crianças, muitos adultos conservam uma apreensão nesse aspecto, e nenhum outro dano físico é mais temido por esses adultos do que o ferimento nos olhos. Estamos acostumados também, a dizer que estimamos uma coisa como a menina dos olhos. O estudo dos sonhos, dos fantasmas e dos mitos ensinounos que a ansiedade em relação aos próprios olhos, o medo de ficar cego, é muitas vezes substituto do temos de ser castrado. (FREUD, 1919, p.249).

A leitura de Freud em relação ao medo de Natanael explica-se no complexo de castração. Na infância de Natanael, o pai e Coppelio representam a figura paterna. Enquanto o primeiro significava a salvação, o segundo a castração. Ambas as figuras reproduziam-se na fase adulta de Natanael: Coppélio/Coppola e o pai/Spalanzani. Olímpia, a boneca pela qual Natanel apaixonou-se, é, ainda, a materialização da atitude feminina de Natanael na sua infância em relação a sua fragilidade.

Freud vai apontando as relações entre a Psicanálise e a literatura fantástica e sustentando uma leitura possível sob a perspectiva do complexo de castração de Natanael. Há, no entanto, algumas considerações complementares que visam reforçar

determinadas posições que fogem do conteúdo intrínseco da obra ao estabelecer relação entre vida e obra do autor. A análise do texto literário perde o espaço para uma discussão, mas ainda assim poderá ser um viés possível, não para a presente análise.

Estudioso do gênero fantástico, Todorov (1975) tece considerações sobre as contribuições da Psicanálise à literatura fantástica, reconhece as afinidades dos temas existentes entre ambas, mas aponta limitações da crítica psicanalítica como método de investigação do texto literário, pois o “[...] psicanalista tende não mais revelar o sentido último de uma imagem, mas a ligar entre si duas imagens.” (TODOROV, 1975, p.159).

Suas colocações não impedem a compreensão da importância da Psicanálise para a inspiração fantástica ao jogo do outro como projeção do eu.

Natanel é a perfeita encarnação da duplicidade do ser. Um que o impulsiona para a vida, para o amor de Clara; e outro que o leva para a morte. Assim como o relato fantástico que se esvazia na sua condição de discurso que nega a si mesmo devido sua condição narcísica de estar sempre voltado para a autocontemplação.

Perceberemos as faces da personalidade de Natanael nas circunstâncias da narrativa, quando esta vai seguindo seu curso. Ao comprar os binóculos de Coppola, Natanael passa a admirar a linda filha de Spalanzani, Olímpia. Ela olha infinitamente para o vazio, pois ela é o próprio vazio. A princípio Natanael acha-a estranha, com seu olhar parado, apesar de sua beleza, comenta que parece estar a dormir de olhos abertos, provocando-lhe um ligeiro mal-estar. Embora essa primeira impressão o tenha perturbado, começa a frequentar a casa do professor e a conversar com Olímpia. Ela não expressa o menor sinal de cansaço que às vezes Clara demonstrava, nem emite opiniões, apenas balbucia palavras que se assemelham a afirmações. Natanael não tem receios de mostrar-lhe todos os seus escritos, apesar de conhecê-la tão recentemente e não se inibe em expor a ela seus sentimentos. A beleza das formas de Olímpia parece desviar de Natanael sua atenção para sua imobilidade e a frieza de suas mãos e lábios. Esquece completamente as impressões iniciais, aparenta estar em elevação no ato de contemplação que se assemelha a Narciso admirando a si mesmo, pensando em contemplar o outro.

Ao ler seus poemas, suas histórias para Olímpia, não recebe nenhuma resposta e nem ele sente necessidade de observações, pois ele já as conhece. “Ah, esplêndida mulher, exemplo do amor que nos prometeu na outra vida, espírito profundo no qual se reflete todo o meu ser” (HOFFMANN, 1993, p. 138). Enquanto o amor de Clara celebra a vida, o de Olímpia o conduz para a morte.

De acordo com França (1997, p.74): “O prenúncio da morte, próprio do fenômeno do duplo, é efeito da constituição do eu ideal, porque é na sua formação que percebemos a dialética vida e morte, pois a afirmação de si mesmo correlativa da negação do outro”.

A estranheza inquietante de Olímpia, seu silêncio, sua falta de gestos maiores em nada afeta a Natanael, pois o que ele vê é o seu eu - ideal. Ao ler seus poemas para ela, o que ele ouve é a sua própria voz, o seu próprio assentimento. Deparando-se com o estrangulamento das engrenagens de Olímpia por Coppola/Coppelio e Spalanzani, ele vê a si estrangulado. Refletem-se duas cenas que estão na sua memória: a de sua infância quando Coppélio tenta arrancar-lhe braços e pernas; e a outra se refere quando acometido por maus pressentimentos escreve um poema cujas imagens são aterrorizantes e perturbadoras da sua felicidade com Clara. Coppelio toca nos olhos de sua amada e eles saltavam chamuscando e ardendo em seu peito. Os olhos que agora lhe saltam no peito não são de Clara, nem de Olímpia, mas os seus.

Atrás dele, atrás dele! Que estás esperando? Coppelius... Coppelius... Ele roubou o meu melhor autômato... Vinte anos de trabalho... Eu me dediquei de corpo e alma... O maquinismo, a fala, o andar... é tudo meu. O s olhos... os olhos, eu os roubei de ti... maldito... desgraçado... Atrás dele! Vai buscar a minha Olímpia. Aqui estão os olhos.

Então Natanael avistou o sangrento par de olhos jogado no chão, olhando fixamente para ele; Spalanzani os pegou com a mão ílesa e jogou-os na sua direção, atingindo-o no peito. Foi nesse momento que a demência arrebatou o pobre Natanael com garras de fogo e, penetrando-lhe o espírito, destroçou-lhe o juízo e a razão.

Ui... ui... ui... círculo de fogo... círculo de fogo... gira, círculo de fogo... gira alegremente, alegremente! Ui! Bonequinha de pau... gira, linda bonequinha de pau... (HOFFMANN, 1993, p.142).

A profecia de Coppélio novamente reaparece nos lábios de Spalanzani. Natanael é um ser condenado. Mesmo devolvendo-lhe os olhos metafóricamente, ele será incapaz de seguir o curso normal de sua vida, o desaparecimento de Olímpia é também o de si. Estrangula-se em delírios.

É levado pelos amigos e internado em um manicômio. Sob os cuidados familiares e afastado do mal, ao lado das pessoas que ama, Natanael parece ter recuperado a lucidez. Tudo parece tão perfeito. A paz e o amor foram-lhe restituídos. Ele e Clara resolvem se casar, no entanto, novamente e de forma definitiva surge um fato estranho.

Por volta do meio-dia, estavam passeando na rua. Tinham feito algumas compras, a alta torre da prefeitura projetava uma sombra gigantesca na praça do mercado.

“Ei!”, exclamou Clara. “Vamos subir uma vez mais e contemplar as montanhas distantes.”

Dito e feito. Natanael e Clara subiram ao alto da torre; a mãe, porém, preferiu ir para casa com a criada, e Lotario, sem disposição para enfrentar a infinidade de degraus, ficou aguardando embaixo.

Lá estavam os dois amantes, de braços dados, na galeria mais alta da torre, apreciando os perfumados bosques, atrás dos quais se erguiam as colinas azuladas como uma cidade de gigantes.

“Oh! Veja aquele pequeno arbusto cinzento. Que esquisito, parece estar vindo para cá”, disse Clara.

Em um gesto instintivo, Natanael pôs a mão no bolso e, achando a luneta de Coppola, apontou-a na direção indicada — Clara estava na frente das lentes! Ele sentiu um tremor convulsivo agitar-lhe o pulso e as veias; empalidecendo, fixou os olhos em Clara, mas estes não tardaram a se revirar e lampear e faiscar numa torrente de fogo; qual um bicho acuado, Natanael soltou um berro de pavor; a seguir, pôs-se a saltar no ar e, em meio a horrendas gargalhadas, gritou com voz esganiçada:

“Gira, bonequinha de pau... Bonequinha de pau, gira!” (HOFFMANN, 1993, p.148).

O fatalismo ao qual estava predestinado cumpriu-se. Havia uma multidão aglomerada embaixo observando o desfecho trágico; Clara sendo salva por Lotario da fúria inexplicável de Natanael cuja última ação foi jogar-se da torre após visualizar a figura satânica de Coppelio revestida de crueldade e horror no meio da multidão e que a seguir desaparece. Sua presença é sinônimo de tragédia. A morte e a loucura o acompanham. O relato finaliza com ele e sua própria dissolução. Caminhando sempre por vias paralelas, ao final temos tragédia e paz. As últimas considerações são explicações sobre o destino de Clara e um final plácido e feliz, como não poderia ser diferente, lembrando que estamos no início do romantismo alemão.

O enigma, em relação aos estranhos acontecimentos e a presença funesta de Coppélio aparecendo, reaparecendo como perturbador da paz, não é revelado. Ele é um ser maligno que tem uma existência natural e/ou sobrenatural presente na banalidade do cotidiano, pois assim é que se constitui o relato fantástico. Sustenta-se a partir do dizível e do indizível. Constitui-se como artifício, um jogo em que um e outro se alternam.

Considerações finais

O conto “O Homem da areia”, de Hoffmann caracteriza-se enquanto uma escrita que representa o seu tempo. Tem como personagens pessoas cujos costumes são tipicamente burgueses e europeizados do século XIX. Natanael, seu personagem central, tem uma família composta de pai, mãe, irmãos, uma ama-seca e, aparentemente,

uma vida confortável. Sofre na infância um trauma do qual se recupera e segue a vida. Na juventude estuda Ciências e Artes. Tem uma noiva cujo nome é Clara. Ela e seu irmão, Lotario, foram acolhidos pela mãe de Natanael, após a morte do marido. Sabemos, através das cartas, o quão cômico é o seu espírito. Discute com o irmão acerca de poderes obscuros, em uma perspectiva filosófica e a possibilidade de sua neutralização. No entanto, essa organização familiar que poderia levar uma vida plácida tem reveses e a partir deles a narrativa delinea reflexões sobre a complexidade quando se trata do ser humano e as forças engendradas por ele.

Recorrendo ao gênero fantástico, a narrativa transita pelos caminhos da incerteza em relação aos acontecimentos e as personagens a eles ligadas. Elementos estranhos são introduzidos no cotidiano que estimulam uma mudança no comportamento de Natanael. É sobre ele que se volta toda a narrativa, revelando seus medos, suas fragilidades, seus delírios, seu olhar o outro como se estivesse olhando a si. Há momentos que tudo parece transcender para o alcance da paz, mas surge sempre um elemento desestruturador, cuja explicação não é possível dentro das leis do mundo natural. O mundo empírico e o metaempírico se aproximam e se distanciam e o resultado afeta a estabilidade emocional de Natanael.

Toda e qualquer ação nefasta, vincula-se ao advogado Coppelio ou ao vendedor de barômetros, o Giuseppe Coppola. A relação estabelecida entre ele(s) e Natanael parece ser explicável dentro do que se concebe como racional, ao mesmo tempo algo permanece subjacente, indecifrável. Ele confere às cenas que lhe são destinadas um clima satânico, descrito pelo riso, pelas palavras. Seus olhos falam mais que mil figuras diabólicas, mas apenas Natanael tem a sutileza de compreender. A narrativa gira em torno dos dois: o bem e o mal e como eles se manifestam de forma diferente no comportamento humano.

Com o espírito fragilizado pelo trauma da infância, Natanael associa Coppelio ao homem da areia presente em um conto infantil que rouba os olhos das crianças, mas há algumas ações de Coppelio que indicam essa aproximação e a referência aos olhos, também existe a premonição proferida por ele. Ao vê-lo Natanael parece ver uma obscuridade maligna que o conduz para um caminho sem volta, a morte dos olhos, a loucura. Algo sombrio apossa-se do seu espírito e é incontrolável. Segundo as palavras de Lotario, ditas através de Clara: “[...] se nos entregarmos voluntariamente a esse obscuro poder, ele decerto reproduzirá dentro de nós as estranhas formas que o mundo exterior atravessa em nosso caminho” (HOFFMANN, 1993, p. 133) As forças de Natanael para resistir aos fatores exógenos são frágeis e o seu destino que tanto poderia conduzi-lo para a vida, leva-o para a morte.

A cena narrativa constitui-se por um clima de suspense e ambíguo, algo que foge a uma explicação possível. Duas forças existem e têm espaços na vida de Natanael: a de Clara, que se nomeia como um anjo de luz que o guarda; e a força maligna de Coppelio/Coppola que o arrasta para o mundo vazio de Olímpia, para a insensatez da

loucura e para a morte. Coppelio/Coppola é uma personagem dúbia tem vida dentro dos padrões de normalidade: apresenta-se inicialmente como advogado e trabalha com o pai de Natanael em experiências químicas; posteriormente, é um vendedor de barômetros, lentes, binóculos e tem também experiências com Spallanzani, pai de Olímpia, o autômato; há, no entanto, algo inexplicável que o torna uma figura diabólica que aparece provocando a desordem no espírito de Natanael e, em seguida, desaparece sem deixar pistas. Próximo ao final da narrativa saberemos que Coppelio e Coppola são uma mesma pessoa, após Spallanzani chamá-lo de Coppelio quando fugia com a boneca, a Olímpia.

Como toda a narrativa do gênero fantástico é necessário que haja uma ruptura em uma harmonia estabelecida dentro do cotidiano de pessoas aparentemente normais e elementos não explicáveis. São esses elementos que possibilitam a hesitação no provável leitor. Assim, realiza-se o conto “O Homem da areia”, de Hoffmann (1993), mestre do gênero no seu tempo.

SILVA, O. A. The fantastic report and the presence of otherness. **Revista de Letras**, São Paulo, v.55, n.2, p.155-166, jul./dez. 2015.

- **ABSTRACT:** *The current research aims to discuss the short story “O Homem da areia”, by E. T. A. Hoffman, observing the trait that characterizes it as the fantastic genre and the presence of otherness. The narrative reveals, in its very beginning, an atmosphere where the strange, the evil are presented in life of the character Natanael. The memory of the past events in his boyhood influences his adult life; the symbolic figure of the man of the sand pops up in the fairy tales and transit in the domain of the real to the fictional. Between lucidity and madness Natanael’s acts are linked to the nefarious approach of Coppélio/Coppola whose enigmatic smile conveys cruelty. The short-story begins with hybrid genre epistolography/short-story and makes an incursion by the ways of play and fantasy. From the first letter that introduces the story, we can perceive that there is something uncomprehensive haunting young Natanael, indicating premonition of hellish situations which he may live. The reader presupposes that the strange element will be present throughout the narrative, after he tells, in retrospection, the whole traumatic story in his boyhood in his familial environment. The interruption of external elements in the daily domain adds even further the atmosphere of uncertainty, providing hesitation about the interference of fantastic elements projected by Natanael’s sick mind or the unbelievable, the supernatural present in the natural world.*
- **KEYWORDS:** *Literature. Fantastic genre. Otherness.*

Referências

CALVINO, I. (Org.). **Contos fantásticos do século XIX**: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FRANÇA, M. I. **Psicanálise, estética e ética do desejo**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FREUD, S. **O estranho**. Rio de Janeiro: Imago, 1919. (Obras completas, v.17).

HOFFMANN, E. T. A. **Contos fantásticos**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.